

UM CONTISTA SINGULAR

O Dia – 10 de maio de 1935.

Republicado na revista: Época – p.45-46, sine die, junho de 1935, OFS2, p.45-6.

Há em todo contista um fixador ligeiro de quadros, um tradutor apressado da vida que vive o homem na sociedade. Todos eles (os contistas) se revelam pela originalidade na observação aguda, pela simplicidade na exposição e, também, por uma percepção afilada das ações e reações a que estão sujeitos os personagens ideados.

Ao contrário do romance, que se desenvolve à medida que o autor penetra na alma do personagem, ao contrário da novela, que vai se desenvolvendo como que numa completa desunião entre o autor e os personagens, no conto, a técnica literária é bem outra, e as figuras que interpretam o pensamento do escritor já têm os seus destinos traçados: ou é gente impelida pela fatalidade intensa da vida humana ou é gente impelida pela fatalidade universal. Um determinismo cósmico obriga a todas essas figuras de fantasia (do conto principalmente) a agirem desta ou daquela forma. É a independência pessoal do personagem que está assim sujeita ou à vontade do autor que o cria, ou mesmo é uma transplantação da realidade social por meio do espírito.

* * *

Acabo de ler “Segredo”, o livro de contos de Aluizio Napoleão. Outro “conteur” não inspiraria melhor o que já disse mais acima. O sr. Aluizio Napoleão

é um fixador eloqüente de quadros fortes que impressionam terrivelmente. A sua argúcia bastante louvável de psicólogo ligeiro constrói, materializa visões soberbas que refletem com alguma fidelidade mesmo a própria vida. São contos que tocam ao sentimento, são pedaços perdidos e aproveitados da eterna tragédia do homem. É até admirável o sr. Aluizio Napoleão, quando, em certas cenas, deixa de dizer o que mandam as aparências para dizer o que sente. Em certas outras passagens, traz consigo toda a tristeza universal. Os contos “Verdade Dura” e “Diálogo que o Tempo Escreveu” são cheios de um sentimentalismo sadio. No segundo, vemos o ciclo da existência humana, da existência do homem, a luta aniquiladora de duas épocas, o conflito de duas gerações. No primeiro, a realidade junto ao idealismo, junto à ilusão. Em outros contos, vê-se que o sr. Aluizio Napoleão sente-se inteiramente perturbado entre o “ser” e o “dever ser”: com a realidade e o ideal em choque constante. No “Encontro”, apesar da vulgaridade do assunto escolhido, o sentimento da tragédia universal não deixou de preocupar o sr. Aluizio Napoleão. O que mesmo destrói a monotonia da vulgaridade estúpida é a rapidez com que o sr. Aluizio Napoleão transpõe para o papel alguns pedaços da vida. O conto “O Filho”, apesar de bastante fraco, não pesa absolutamente na cotação do livro.

Para que se possa avaliar o livro do sr. Aluizio Napoleão, basta que se diga que, com algumas exceções sem grande importância, em “Segredo” vemos autênticas cenas da vida real e que, pela sua originalidade regular, o sr. Aluizio Napoleão é um contista bem singular...